



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 12, v. I nov.2019-abr.2020  
p. 330-350.

# Uma visão psicanalítica das relações entre mulheres no mundo virtual

Carolina Xavier Esteves<sup>1</sup>

Roberta Seixas<sup>2</sup>

Denise Maria Margonari<sup>3</sup>

Paulo Rennes Marçal Ribeiro<sup>4</sup>

**RESUMO:** Para pensar as relações sociais na sociedade contemporânea, é imprescindível nos atermos às relações que se estabelecem no ambiente virtual. Certamente esses são os laços mais populares e que despertam maior curiosidade na atualidade, especialmente por se passarem na dimensão on-line. Este trabalho visa investigar as relações estabelecidas entre mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres por meio de comunidades virtuais, considerando-as, especialmente, a partir das elaborações teóricas psicanalíticas. Privilegiamos as comunidades (grupos) da rede social Facebook. A pertinência deste estudo incidiu justamente em desvelar as fantasias dessas usuárias que majoritariamente acabaram por concretizar fisicamente seus contatos virtuais e, sobretudo, verificamos uma despreocupação nos cuidados com a saúde sexual, visto que muitas relações físicas não considerarem o uso de métodos preventivos, o que nos despertou maior interesse em explorar de forma aprofundada essa questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cibercultura. Psicanálise. Fantasia. Sexo lésbico.

**Abstract:** Sticking to the relationships established in the virtual environment is required in order to think about social relations in contemporary society. These are the most popular and curious bonds in the world today, especially concerning the online dimension. This study investigates the relationships between women who engage in romantic and sexual interactions with other women in virtual communities, adopting theoretical psychoanalysis as methodology. We focus on communities (groups) of the social network Facebook. This study served to reveal the fantasies of these users, who mostly ended up physically materializing their virtual contacts, and above all we observed certain carelessness with sexual healthcare, since many physical relationships do not consider the use of preventive methods. Thus, we are more interested in exploring this issue further.

**Keywords:** Cyberculture. Psychoanalysis. Fantasy. Lesbian sex.

**Resumen:** Para pensar en las relaciones sociales en la sociedad contemporánea es imprescindible atenderse a las relaciones que se establecen en el ambiente virtual. Sin duda, estos son los lazos más populares y que despiertan mayor curiosidad en la actualidad, especialmente por ocurrir en el ámbito *online*. Este trabajo busca investigar las relaciones establecidas entre mujeres que se relacionan afectiva y sexualmente con otras mujeres en comunidades virtuales, considerándolas, principalmente, a partir de las elaboraciones teóricas psicoanalíticas. Privilegiamos a las comunidades (grupos) de la red social Facebook. La pertinencia de este estudio se centró justamente en desvelar las fantasias de estas usuarias que majoritariamente acabaron por concretar físicamente sus contactos virtuales y, sobre todo, verificamos una despreocupación con los cuidados con la salud sexual, ya que en muchas relaciones físicas no consideraban el uso de métodos preventivos, lo que nos despertó un mayor interés en explorar más a fondo esta cuestión.

**Palabras clave:** Cibercultura. Psicoanálisis. Fantasía. Sexo lésbico.

<sup>1</sup> Graduada em Educação Social pelo Instituto Politécnico de Bragança (IPB) em Portugal. Mestre em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) *campus* Araraquara (SP). E-mail: bichobaocarol@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Unesp *campus* São José do Rio Preto (SP). Pedagoga formada pela Faculdade Anhanguera Educacional. Mestre em Educação Sexual pela Unesp *campus* Araraquara (SP). E-mail: roberta.seixas.21@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestre e doutora em Educação Escolar pela Unesp *campus* Araraquara. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar e no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp *campus* Araraquara. E-mail: denisemargonari@fclar.unesp.br

<sup>4</sup> Doutor em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação Escolar e Educação Sexual na Unesp *campus* Araraquara. Coordenador do Núcleo de Estudos da Sexualidade (Nusex) da Unesp. E-mail: paulorennes@fclar.unesp.br

Recebido em 31/01/19

Aceito em 02/10/19

Nenhum ser humano é capaz de esconder  
um segredo. Se a boca se cala, falam as  
pontas dos dedos.  
(Sigmund Freud)

## 1. Introdução

Hoje a internet é, sem sombra de dúvidas, um advento da nossa geração. Diversos questionamentos, curiosidades e até mesmo estudos emergem desse dispositivo gerando uma infinidade de pesquisas, em diversificadas áreas de estudos, procurando, assim, respostas que possam atribuir sentido a este momento e, até mesmo, saciar curiosos. Resolvemos também fazer parte desse momento histórico pelo viés da cibercultura e da psicanálise. A internet atravessa a cultura, contempla a comunicação entre os sujeitos, percorre o campo das ciências, dos negócios, das artes, da literatura e da diversão. E, se ainda não fazemos parte dela, ela já faz parte de nós – com a informatização dos serviços, por exemplo. “Se você não se importa com as redes, as redes se importarão com você, de todo modo. Pois, enquanto quiser viver em sociedade, neste tempo e neste lugar, você terá de estar às voltas com a sociedade de rede. Porque vivemos na Galáxia da internet”. (CASTELLS, 2003, p. 230)

Trabalhando com questões relativas à educação e sexualidade, enviamos este artigo para descrever algumas das relações estabelecidas por meio da internet e para procurarmos entender, em um primeiro momento, se essas mesmas relações passam do campo virtual para o campo físico. Desse modo, questionamo-nos: que encontros são possíveis através da tela de um computador? Trata-se de uma espécie de espaço contínuo da vida ‘*off-line*’? Qual a relação entre virtual e real? Criam-se, nesse mundo virtual, novas roupagens para as personagens do mundo tradicional? Afinal, o que se pode dizer sobre as comunidades virtuais? As relações humanas se transformam? O que está implícito nas relações que se estabelecem nas comunidades virtuais, além do seu funcionamento de grupo?

Cada modo de pensamento – sejam nas ciências sociais ou na filosofia – responde à sua maneira a essas indagações contemporâneas. Assim, para podermos nos situar diante da bibliografia ainda não muito extensa sobre o tema, optamos pelos mais reconhecidos autores sobre o assunto. Consideramos o pensamento de Manuel Castells, que estuda a questão do ponto de vista social, e de Pierre Lévy, que a situa a partir da filosofia da informação; para depois nos atermos ao conceito psicanalítico de fantasia e tecermos as contribuições dessa área do saber.



O sociólogo espanhol Manuel Castells (2003) afirma que a internet pode ser considerada um motor contemporâneo e a compara à rede elétrica pela revolução que emana de seu surgimento, por tudo que acarreta para a sociedade, no que tange à disseminação de informação e atingindo diferentes setores da vida social. Desse modo, Castells denomina a sociedade de ‘sociedade em rede’, símbolo maior da conectividade entre informações, computadores e pessoas. Ao dedicar-se ao estudo da internet desde o seu início, o sociólogo aponta a relação interpessoal como desde sempre presente, mesmo quando, em um primeiro momento, a intenção era a de avanço tecnológico – provocado especialmente pela Guerra Fria – e de troca de informação entre centros de pesquisa de grandes universidades.

Castells se interessa pelo efeito do dispositivo na vida das pessoas e destaca a possibilidade de assumir diferentes ‘identidades’ em rede. A internet é sugerida por Castells enquanto espaço, *grosso modo*, que leva a pessoa a viver suas fantasias ‘on-line’, se esquivando de um possível mundo real, se ancorando na realidade virtual. Em sua contundente opinião, esse debate foi construído sobre uma ideia simplista de uma “comunidade local harmoniosa de um passado idealizado e a existência alienada do ‘cidadão da internet’ solitário, associado com demasiada frequência, na imaginação popular, ao estereótipo do *nerd*”. (CASTELLS, 2003, p. 98) Assim, esse modo ideológico de pensar esses personagens que navegam a internet dificulta a compreensão do que realmente acontece nesse meio de interação social:

[...] a proliferação de estudos sobre esse assunto distorceu a percepção pública da prática social da internet, mostrando-a como o terreno privilegiado para as fantasias pessoais. O mais das vezes, ela não é isso. É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades. Ademais, mesmo a representação de papéis e nas salas informais de chat, vidas reais (inclusive vidas reais online) parecem moldar a interação online. (CASTELLS, 2003, p. 99-100)

Sherry Turkle (1999), pesquisadora no Massachusetts Institute of Technology (MIT), também se atenta à questão da constituição de ‘identidades’. Assim como Castells, Turkle acompanham desde o início a propagação da internet na vida cotidiana:

[...] se comete um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não. Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual. (TURKLE, 1999, p. 118)



Marca-se, portanto, que uma barreira que sinalizaria a distinção entre um espaço material e um espaço virtual é diluída, tornando-se realidade. Assim, as relações reais poderiam ser consideradas aquelas em que a pessoa se sente suficientemente ligada a outra pessoa para lhe dar real importância, para poder ver no outro parte de si. A vida ‘on-line’ demonstraria diferentes aspectos de nós mesmos, nos quais poderíamos passear por diferentes papéis, desempenhar diversas funções – o que, por muitas vezes, é considerado como uma faceta irreal, não correspondente à realidade do sujeito. Turkle, que por vezes remete à psicanálise, nos diz que a ideia americana de unidade psíquica está relacionada à saúde. Os estados não patológicos de multiplicidade, como denomina, nunca foram devidamente respeitados pela tradição americana, na qual inclusive as psicoterapias são adaptativas e adotam a ideia de ‘identidade ideal’ para os sujeitos. Essa visão dá margem não só a boa parte das discussões sociológicas em que se questionam as várias ‘identidades’ possíveis em rede, como a ‘autenticidade’ delas.

Para muitas pessoas, a comunidade virtual permite uma expressão mais livre dos inúmeros aspectos de si mesmas. Mas trata-se de algo que também se vive no ‘resto da vida’. Há momentos em que a cultura enfatiza a uniformidade da experiência e outros que acentuam a multiplicidade da experiência. (TURKLE, 1999)

O filósofo Pierre Lévy (1996) considera que a ‘virtualização’ constitui a essência da mutação em curso, um movimento de heterogênesse do humano ou um devir; e nos consente a afirmar que o virtual nos permite uma saída do aqui e agora – ou seja, do espaço e tempo – e uma mudança nos corpos. Utiliza-se do termo ‘ciberespaço’ e do neologismo ‘cibercultura’, que diz respeito às técnicas – materiais e intelectuais – de práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999)

Lévy (1996) procura nos situar investigando a palavra ‘virtual’, que é tão utilizada e sobre a qual pouco se sabe. A concepção que se tem, *grosso modo*, é a de que virtual estaria em oposição à realidade da qual fazemos parte, que diz respeito à materialidade. Mas, conforme o autor, esse é o uso equivocado que se faz do termo virtual para dizer daquilo que está em rede, tal como banco virtual, página virtual, amizade virtual, namoro virtual, loja virtual etc. Isso leva a pensar que a realidade virtual, experimentada via computador, tem algo de irreal, de ilusório, seria simulacro da realidade ou digitalização do que se entende como real. O real é entendido como algo da ordem do “tenho” e o virtual, do “terás”, segundo Lévy (1996). Essa questão é



crucial para pensar as relações na internet do ponto de vista da psicanálise, uma vez que implica a própria veracidade dessas relações que se estabelecerão nesse espaço.

Assim, o senso comum e os meios de comunicação em massa – especialmente revistas semanais, telejornais ou programas de televisão – referenciam comportamentos das pessoas virtualmente, confrontando-as com sua suposta realidade ‘*off-line*’, assinalando a existência de personalidades múltiplas, identidades falsas e muitas outras corruptelas possíveis de esbarrarmos na vida virtual calcadas, sobretudo na ideia de que somos imutáveis e constantes. Somente no ‘*off-line*’ poderíamos decifrar o caráter das pessoas com as quais lidamos. Sob essas ideias, como dissemos, está o conceito psicológico de identidade.

Se o virtual se opõe a algo, não é ao real, mas ao atual, então o atual é uma resposta ao virtual, mas nada tem a ver com ele. Ao contrário do que se considera como real, que está muito mais próximo ao possível. Porém podemos entender que o virtual apresenta efeitos, na medida em que se atualiza e que proporciona, enquanto potência, a personificação de algo.

Para Lévy (1996), o que de todo modo se denomina como ‘virtual’ está remetido a uma força potencial que existe neste momento em que a sociedade está em rede. Pode-se pensar que, se a virtualidade é o que impulsiona a atualização, promovendo realidade, dizer de uma realidade virtual é enunciar que existe aí, nessa rede em questão, potência, possibilidades ilimitadas de atualização.

Lévy tem pensamento similar ao de Castells, no sentido de pensar que não se trata de uma novidade aniquiladora das relações pessoais, que artificializam os laços. O mesmo receio sempre ocorreu quando os mais modernos meios de comunicação foram inventados. As pessoas continuaram a se comunicar verbalmente depois da invenção da escrita; o teatro continuou existindo depois do cinema; cartas, e-mails e torpedos de amor não substituem os beijos dos amantes; assim como as pessoas continuam a se falar cada vez mais via telefone, como se sabe, pela expansão também monumental das operadoras de celular. E não é de uma explosão de contatos entre as pessoas que estamos tratando?

## 1.1 Do real à fantasia...

A fantasia, a nosso ver, é o conceito que nos permite maiores possibilidades de abordagem das relações virtuais na internet. Freud considera que todas as relações de objeto são



mediadas pela fantasia e, Lacan coroa esse dito indicando que é a partir de construções fantasiosas que nossa realidade psíquica (*Realität*) é delineada. Isto é, a fantasia convencionada nossas relações reais, simbólicas e imaginárias com as outras pessoas e com o mundo.

Ao abordarmos as relações do sujeito no ciberespaço estamos trazendo uma cena que assim podemos descrever: um sujeito utiliza um computador para se relacionar com outras pessoas. Ou podemos dizer de outro modo: a relação dos sujeitos com os outros, nesse contexto, está mediada por um computador. Para a psicanálise, a descrição dessas duas cenas coloca uma questão: não seriam todas as relações que estabelecemos mediadas pela fantasia de cada um de nós?

Assim, a cena que descrevemos não é a de um sujeito que se relaciona com outros sujeitos e outras tantas coisas através da tela de um computador, pois esta é o que é visível aos nossos olhos, mas a tela que ali funciona é a da fantasia. Antonio Quinet (2004, p. 162) coloca que a fantasia é “efetivamente uma armadilha do olhar do sujeito, o qual se deixa fascinar, enganar, pois considera o quadro da fantasia sua janela para o mundo”.

Foi Freud, por meio de sua clínica das histéricas e sua autoanálise, que percebeu a inviabilidade do universal “todos os pais são perversos” e a existência do trauma sexual infantil em suas pacientes. Na “Carta 69” a Fliess (21/09/1897), Freud destaca que, “no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção, que é caracterizada como afeto” (FREUD, 1897/1996, p. 310), isto é, tanto as histórias que de fato ocorreram como as que são fruto das construções psíquicas ocupam o mesmo lugar no inconsciente e, por isso, têm o mesmo efeito.

Além disso, as fantasias têm função protetora, sublimando os fatos, os embelezando ou servindo como autoabsolvição, conforme aponta Freud (1897/1996) na “Carta 61”. Essa função pode estar ressaltada no ciberespaço, como veremos adiante. Algumas cenas, inclusive, só são possíveis serem revisitadas por meio das fantasias, pois estas servem como uma espécie de escudo para os conteúdos recalcados que poderiam ocasionar o surgimento dos sintomas. Assim, as “fachadas psíquicas”, como mencionado por Freud (1897/1996) no “Rascunho L”, são construídas com a finalidade de atravancar o caminho para essas lembranças da ordem do trauma (real). As fantasias funcionam como protetoras, sublimam e embelezam, isto é, tornam possível nossa comunicação com o mundo ao obstruírem o fluxo que levaria para uma lembrança traumática.



Em *A interpretação dos sonhos* (1900/1969), Freud elabora sua teoria sobre os sonhos, trazendo a possibilidade de sua interpretação por se tratar de uma mensagem cifrada. A fantasia – especialmente a diurna consciente, isto é, da vida em vigília, ganhando estatuto semelhante ao dos sonhos, sobretudo em sua principal característica, que é a de realização de desejo. Portanto, ao abordar a fantasia, há as fantasias conscientes (diurnas ou devaneios) e as fantasias inconscientes. Enquanto as fantasias conscientes compartilham conteúdo com os sonhos, as fantasias inconscientes precisam continuar no inconsciente, uma vez que seu conteúdo é originado por material recalçado; e ambas irão compor o pensamento onírico, embora apareçam comprimidas, condensadas, superpostas etc.

Como os sonhos, elas são realizações de desejos, se baseiam, em grande medida, nas impressões de experiências infantis e se beneficiam de certo grau de relaxamento da censura. Se examinarmos sua estrutura, perceberemos como o motivo de desejo que atua em sua produção mistura, rearranja e compõe num novo todo o material de que eles são construídos. Eles estão, para as lembranças infantis de que derivam, exatamente na mesma relação em que estão alguns dos palácios barrocos de Roma para as antigas ruínas cujos pisos e colunas forneceram o material para as estruturas mais recentes. (FREUD, 1900/1969)

Freud afirma que o modo como o inconsciente se articula é tal qual o processo da realidade psíquica, uma vez que ambos desconhecem a realidade material e se articulam conforme os processos subjetivos de cada sujeito que têm como fundo a fantasia.

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pela comunicação de nossos órgãos sensoriais. (FREUD, 1900/1969, p. 637)

Ao investigar sobre a criatividade e as ideias que impressionam e despertam emoções a partir das criações de escritores ou poetas, em *Escritores criativos e devaneios* (1908/1980), Freud nos apresenta com a comparação entre o brincar infantil (enquanto ato criativo) e o fantasiar. O brincar das crianças é considerado ato criativo, pois é necessário criar um mundo próprio, no qual é possível reajustar elementos do seu mundo de modo que ele se torne mais agradável. A criança, diz Freud, no entanto, distingue a brincadeira da realidade, embora utilize objetos e situações do mundo material em sua criação. É essa distinção, entre o que é brincar e o que é realidade, que diferencia o brincar do fantasiar. De modo semelhante agem os escritores



criativos, pois criam um mundo de fantasia – com investimento de energia e emoção –, mas mantêm também essa distinção entre a realidade e a criação.

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que não causaria prazer se fosse real pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos podem se tornar uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor. (FREUD, 1908/1980)

Quando crescemos e há o abandono do brincar, não existe de fato uma renúncia. O brincar é substituído por outra coisa, assim como acontece com as crianças maiores, para quem, de acordo com Freud, o brincar dá lugar à fantasia ou aos devaneios. Brincar não é um ato que se faz escondido, é algo que se faz tanto sozinho como em grupo, em qualquer lugar, à vista de qualquer pessoa. No adulto, no entanto, as fantasias são, em grande parte, escondidas das outras pessoas, preservadas como algo bastante particular. Freud complementa que pode até haver a sensação de que se é o único a fantasiar, já que não é comum compartilhar criações e anseios. O brincar é determinado pelo desejo único de ser adulto, por isso as crianças brincam imitando o mundo de adultos, enquanto, por não ser esperado de adultos que brinquem ou fantasiem, eles ocultam esse processo. O próprio conteúdo que aparece nas fantasias pode ser, sim, escondido, uma vez que tem caráter infantil e desejos proibidos. Não seria a vida ‘on-line’ um dispositivo que permite que as fantasias – reveláveis ou irreveláveis – sejam atualizadas? Fantasiar não é algo que ocorre somente a pessoas com comprometimento psíquico ou em tratamento, que podemos encontrar nos consultórios. A fantasia ocorre em pessoas “saudáveis”, isto é, faz parte da estrutura psíquica.

Na “Conferência XXIII”, denominada “Os caminhos da formação dos sintomas” (FREUD, 1917/1996), no processo contínuo de investigação da raiz dos sintomas, Freud, de maneira inevitável, depara novamente com a questão das fantasias. Mais uma vez, no cerne de sua discussão e constatação clínica, afirma que as fantasias contêm realidade, já que sua criação, pelos pacientes, tem efeitos tão substanciais a ponto de não poder se estabelecer, nas neuroses, que a experiência empírica de fato se sobreporia a elas quanto a seus efeitos. Esse problema, como vem sendo abordado até agora, havia sido constatado desde o momento em que Freud passou a desacreditar em suas neuróticas. Os sintomas apareciam em decorrência das fantasias criadas por elas, ou seja, decorriam dessas criações, o que mais uma vez o fez repetir que as





fantasias têm realidade psíquica, em contraste com a realidade material, mas, acima de tudo, o leva a afirmar, após tantas investigações e constatações, que a realidade psíquica é, de fato e com efeito, a realidade decisiva.

A fantasia é uma tela sobre o real que, atirando-se como tela, evidencia também que há algo por trás dela, um vazio, a falta real. Enquanto tela, permite ao sujeito ‘criar’ um objeto no lugar do objeto faltoso, nomeando um objeto enquanto seu objeto, na tentativa de anular a barra pela qual está cindido. (WINE, 1992, p. 54)

É nesse contexto que o objeto ‘a’ do tema da fantasia emerge, lembrando que aqui o objeto ‘a’ é a presença de um vazio preenchível por qualquer objeto, pois estamos diante de um objeto eternamente faltante e, por isso, objeto causa de desejo. “Com seus próximos, vocês não fizeram outra coisa do que girar em torno do fantasma cuja satisfação vocês neles procuraram. Este fantasma os substituiu com suas imagens e cores”. (LACAN apud SAFATLE, 2006, p. 319) Ainda, os próximos nos aparecerão como “tela de projeções fantasmáticas”. (SAFATLE, 2004, p. 319) Isso quer dizer que, em todas as nossas relações com os outros sujeitos, projetaremos nossas fantasias.

Se o objeto ‘a’ tomar forma imaginária, é considerado objeto-causa do desejo, como aparece aqui, no caso da fantasia. Isto é, a fantasia traz o testemunho dos elementos significantes da palavra articulada no Outro, no lugar em que se articula a palavra “inconsciente”, que é também o S, pois é palavra, história, memória e estrutura articulada. Portanto a fantasia é determinada pelo simbólico, mas aparece no sujeito como imaginária. É um imaginário que resiste e que contém núcleo de real ligado ao desejo do Outro. (QUINET, 2004)

Colocar a fantasia nas relações entre as pessoas nos permite entrar na questão da não existência da relação sexual. Se a relação sexual existisse de fato, ela seria o exemplo maior da relação entre os sujeitos. Seria, desse modo, “a única relação na qual o sujeito poderia estar presente ao outro através da materialidade de seu corpo”. (SAFATLE, 2004, p. 204) Entretanto a teoria da fantasia colocada por Lacan sustenta que o sujeito encontra no corpo do Outro traços de suas próprias fantasias, oriundas ainda das primeiras experiências de satisfação. O corpo se torna metáfora do gozo, que, antes de tornar-se metáfora, tem de ser corpo fetichizado de acordo com a fantasia do sujeito. Assim, o corpo do Outro é um conjunto de objetos parciais. A teoria da fantasia em Freud, e com mais ênfase a de Lacan, nos conduz a perceber que a fantasia é o que faz a mediação, nosso contato com o mundo, dando a ele consistência e sentido. Lacan, em *O*



*seminário, livro 14: A lógica da fantasia* (1966), coloca que a realidade seria um *prêt-à-porter* que resulta exatamente dessas operações descritas pela lógica da fantasia, em que temos o objeto ‘a’ como seu viabilizador.

Talvez possamos pensar na questão da fantasia e no afrouxamento das amarras que o dispositivo internet pode oferecer. O que é ser um *fake* que se autoriza a “mostrar as suas ideias”, que “não tem medo de mostrar quem realmente é”, que “pode viver uma verdade, sim”, no lugar do “verdadeiro sentimento”? Por que o que existe de verdadeiro só pode ser expresso por meio de um personagem, de uma máscara? Certamente porque algumas vezes se vive amordaçado pela autocensura, pela cultura, pelos ideais identificatórios. Freud (1920/1996) teorizou que a ausência de unidade do eu é uma condição que atravessa a relação entre os sujeitos, isto é, é uma condição humana. Como vimos, a fantasia, o devaneio e os sonhos são produções subjetivas. Esses sujeitos brincam de serem outros, fazem como os escritores criativos abordados por Freud (1908/1980) ao construir personagens com características físicas, histórias de vida. Mas aqui eles contam com a participação das outras pessoas.

Transformar o mundo desagradável, fazer do mundo um lugar menos hostil, tentar ser mais feliz, é fantasiar. A internet se configura como um espaço lúdico em que é possível o exercício da criatividade, ao se desamarrar mais facilmente, ao permitir que as prensas se comportem feito roldanas e circulem. Assim, no ciberespaço as fantasias se exteriorizam no espaço público simbólico, socializando a própria esfera da intimidade de cada um, atualizando as construções fantasísticas dos sujeitos.

Essa dimensão de ‘identidade virtual’, da qual se ocupam Lévy (1996), Castells (2003) e Turkle (1999), pode, então, ser entendida como uma possibilidade maior, na internet, de se vivenciar a impossibilidade de unidade subjetiva que a psicanálise considera como constitutiva do sujeito, portanto, de desprendimento da unidade psíquica imaginária do eu. Nesse sentido, a psicanálise nos permite uma interpretação no avesso das sociologias ou filosofias que admitem essa unidade da personalidade, ou seja, o sujeito como indiviso. Portanto, no ciberespaço, pode-se se esquivar das dificuldades da vida ‘*off-line*’, utilizar o espaço virtual para descobrir e explorar a inconsistência e multiplicidade das identificações subjetivas, fazendo-se de outro:

Dicho de otro modo, los ‘múltiples yos’ que se exteriorizan en la pantalla son ‘aquello que yo quiero ser’, la forma en que quiero verme a mí mismo, las figuraciones de mi yo



ideal; en este sentido, son como las capas de una cebolla: no hay nada en el centro, y el sujeto es esta ‘nada’ misma. (ŽIŽEK, 2006b, p. 231)

O ciberespaço é propício à fantasia porque é a tela que se abre para o virtual, deixando a realidade em suspenso, desterritorializando-se, adentrando o espaço também virtual de uma janela da fantasia. A virtualização se assemelha, assim, à fantasia, pois emerge, igualmente, de lacunas na realidade. Tanto na virtualização quanto na fantasia o sujeito tenta preencher os furos da realidade, tenta obter satisfação.

Provavelmente cenas e cenários que esbarram em nossas fantasias e traumas transitam pela rede e podem provocar atualizações disso que está recalcado em nossas cadeias simbólicas. Não se pode deixar de mencionar a atemporalidade do inconsciente que, muitas vezes, somente *a posteriori* ressignifica. Não se sabe quando algo encontrará alguma referência na cadeia simbólica, trazendo angústia ou sintoma, como se pode perceber em casos clínicos.

Assim, a realidade virtual não é uma nova ou outra realidade, o que implica que as relações que aí se estabelecem são também mediadas pela fantasia. A realidade virtual confirma o fato de que “não vivenciamos as coisas diretamente como a realidade, e por isso o Real, exatamente no sentido de Real cru, é vivenciado como espectro e fantasia, como aquilo que não pode ser integrado à realidade”. (ŽIŽEK, 2006a, p. 119)

A fantasia, tela sobre a qual pintamos nossa realidade psíquica, tem exatamente esta função de nos proteger do vazio do real. Portanto, como Freud colocou em *Escritores criativos e devaneios* (1908/1980), a fantasia pode ter este papel de tentar “reajustar” o que se encontra em desajuste, como as brincadeiras ou o ato de comprar também podem fazer. Todos os objetos com os quais os sujeitos se relacionam tentam camuflar a falta que nos é intrínseca, como também é a solidão. O objeto é para sempre perdido, por isso sempre falta alguma coisa. É um equívoco pensar que somente sujeitos solitários se sentam em cadeiras e navegam pelo ciberespaço em busca de preencher um vazio. O vazio é comum a todos os sujeitos.

Essas três afirmações sustentariam o credo amoroso dominante e são, conforme Costa (1998, p. 13), “uma espécie de catálogo de competência mínima exigida aos candidatos ao vestibular do amor”. Por fim, caracteriza-se, *grosso modo*, pela idealização temporária do “objeto amado”, pela liberdade de escolha do(a) parceiro(a) e pela autorrealização. Entretanto o autor desenvolve sua tese sobre o amor romântico com o intuito desmascarar as três proposições



que caracterizam a forma como se ama hoje. Seu trabalho desvela, em verdade, que o ideal de amor romântico, essa invenção moderna do século XVIII, pode ser classificado como um complexo emocional feito de crenças, julgamentos, sensações e sentimentos. Costa (1998) assegura que o amor é um construto humano, uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum dos seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgamos melhor para todos e cada um de nós.

Contudo prescrições teóricas que levam em conta as determinações socioculturais na expressão das emoções amorosas não constituem novidade alguma nas ciências sociais. Indubitavelmente, espera-se que a cultura desempenhe papel preponderante na construção, na interpretação e no funcionamento dessas emoções. O modo como elas assaltam os indivíduos e como neles repercutem tem raízes em normas coletivas tácitas. Ademais, dependem, igualmente, das singularidades de cada indivíduo. É verdade que expressam emoções em concordância com orientações sociais e culturais que se apresentam, mas certamente os indivíduos as redesenham de acordo com suas trajetórias pessoais, *status* social, sexo, idade etc.

Uma conclusão previsível que daí decorre, decerto, é que nessa abordagem a cultura afetiva, conforme nomenclatura do antropólogo David Le Breton (2009), não impele os indivíduos a uma obediência absoluta: ela é um prontuário de indicações que sugere respostas apropriadas a cada particular conjuntura. Esse enfoque serve para dar forma à concepção de ideal de amor romântico defendida neste trabalho. O que se quer defender com essa proposição é que as pessoas dão sentido a suas experiências românticas individuais recorrendo a símbolos e significados coletivos. Por essas convicções, esta investigação consiste na análise das singularidades e particularidades, especificamente culturais, das experiências românticas on-line.

Decerto, o ideal de amor romântico se constituiu num valor central no imaginário das sociedades modernas, tendo seus reflexos, até hoje, nas sociedades contemporâneas. A despeito de perder seu prestígio social, ainda constitui lugar de referência importante para escolhas e comportamentos amorosos. Isso porque a expectativa romântica de realização amorosa surge, em boa medida, como garantidora dos sentimentos de completude e felicidade dos indivíduos.



Assim, conforme as formulações de Costa (1998), o ideário romântico permanece sendo a crença amorosa dominante, se apresentando como norma de conduta emocional produtora de sentidos e comportamentos afetivos.

Entretanto formatos específicos de vínculos afetivos constatados hoje, a exemplo daqueles que se estabelecem pela internet, como os namoros virtuais, podem ser considerados como um arcabouço de renovações comportamentais. Consequentemente, podem mobilizar alterações nas formas de experimentar e expressar o amor romântico, tendo em vista que teriam emergido das tantas transformações verificadas no mundo contemporâneo.

A socióloga Eva Illouz (2007), a propósito das discussões sobre as emoções no capitalismo, remete ao estudo desenvolvido por Shurmans e Dominicé. Esse estudo sobre as categorias culturais por meio das quais as pessoas podem dar conta do “amor à primeira vista” sugere, tomando como base minuciosas entrevistas a 150 pessoas, que a experiência do *coup de foudre* (amor à primeira vista que, em francês, é literalmente “golpe de raio”) tem algumas características recorrentes: é experimentado como um acontecimento único que aparece na vida de maneira violenta e inesperada, é inexplicável e irracional, se inicia de maneira imediata depois do primeiro encontro, não se baseia no conhecimento cumulativo da outra pessoa. Perturba a vida cotidiana e opera como uma profunda comoção da alma. As metáforas usadas são as de calor, o imã, o raio, a eletricidade, todo o qual indica uma força avassaladora e onipotente. Tomando como base tais características, questiona-se: como tudo isso se apresenta numa relação mediada pela internet? O que se constata é um profundo paradoxo inconciliável entre a proposição ideal romântica e as práticas amorosas virtuais.

O amor romântico enquanto prática cultural supõe uma experiência imediata com o corpo. Conforme nos lembra Illouz (2007), o namorar supõe algumas práticas que exigem a presentificação corporal: beijar na boca, abraçar, sair juntos de mãos dadas, conversar olhando nos olhos, sentir o cheiro, fazer amor etc. Em seu estudo sobre capitalismo e amor romântico, Illouz (2009) apresenta três categorias principais da atividade romântica: as gastronômicas (preparar comida especial em casa ou sair ao restaurante), as culturais (ir ao cinema, ópera, teatro) e as turísticas (sair de férias ou viajar). Essas foram as atividades românticas das pessoas entrevistadas em seu estudo.

Entretanto, aqui, parte-se do pressuposto de que os namoros virtuais inauguram formas diferenciadas de relação com o corpo, consagram novas e específicas relações de significado. É



importante defender que esses namoros são intercedidos pela presença do corpo. Trata-se de um corpo mediado pela internet, mas ele sente, chora, se alegra, entristece, sofre etc. O que está ausente é o toque. Contudo o corpo é experimentado pela mediação de recursos como o telefone, no qual se tem acesso à voz do outro, a fotos e vídeos (*webcam*, Skype), aqui os enamorados veem o corpo do outro por imagens em movimento ou paradas.

Há, ainda, o acesso ao corpo do outro por meio de cartas escritas à mão. Atribuem sentido em ter em mão a letra do(a) amado(a). Pelos dos correios, recebem presentes com o cheiro do(a) namorado(a), enviam blusas usadas ou fios de cabelos, que também são formas de experimentar o corpo do outro num namoro virtual.

Então, se considerarmos essa asserção correta, poderíamos, por outro lado, supor que os indivíduos que têm um namoro mediado por um computador encontram, nesses relacionamentos, um lugar para expressão ou narração de si. É essencial destacar que esse si de que trata este trabalho é aquele envolto pelo social, formado a partir de um lastro socialmente localizado. Ou seja, o si – ou a verdade que ele pode revelar – se reveste de grande significado social. Existe a ciência de que aquilo a que estamos chamando de verdade de si é aquilo que os indivíduos afirmam, no plano discursivo, ser a verdade. Não temos a ilusão de afirmar que o discurso dos indivíduos produz a completa verdade sobre si mesmos.

Seguem esse enfoque as contribuições do sociólogo Danilo Martuccelli (2002). Em sua discussão sobre a gramática do indivíduo, o autor estabelece relações entre subjetividade e experiências amorosas. Para ele, é na experiência amorosa que a subjetividade encontra com frequência sua expressão máxima ou, pelo menos, suas principais manifestações. A experiência amorosa será para esse autor um fenômeno social, entre outros, que possibilita uma emergência, uma narrativa do si.

Segundo ele, por meio das experiências amorosas há possibilidades de explosões inéditas do si. É onde o si é revelado para o outro. Esse autor defende, portanto, que a subjetividade se acha, ao menos em parte, no amor. Ela encontra, por fim, seu lugar de expressão, não o único, mas um lugar propício. Nesse sentido, assevera-nos: “com efeito, é no amor que vivenciamos e expressamos o que somos verdadeiramente e nos revelamos nós mesmos graças ao outro”. (MARTUCCELLI, 2002, p. 409, tradução nossa) Por isso o amor é considerado tão importante, ele tornou-se um lugar de revelação do si e, de igual modo, os namoros virtuais parecem



apresentar essa característica. No namoro virtual podemos descobrir mais a respeito de alguém, saber detalhes que por muitas vezes não se falam cara a cara.

A partir das asserções defendidas por Martuccelli afirma-se, por fim, que os namoros virtuais – como sugerem as comunidades (grupos) analisadas – também se prestam à produção de verdades sobre si ou narrativas de si.

Depois dessa breve revisão bibliográfica, vamos nos debruçar sobre uma parcela ainda invisível dentro da nossa sociedade, a de mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres. Dentro do universo virtual, procuramos a rede social de maior adesão hoje: o Facebook. E, dentro dela, comunidades que abarquem a diversidade sexual, incluindo mulheres que procuram outras mulheres para estabelecer relacionamentos, sejam afetivos ou apenas de amizade.

Ao depararmos com essas comunidades, verificamos que existiam muitos comentários que mencionavam os atuais relacionamentos, ou mesmo relações que haviam sido estabelecidas depois do contato virtual. E foi por intermédio desses relatos que resolvemos expandir nosso estudo para além do universo virtual, procurando entender se as relações construídas nesse universo de fato se concretizaram no “mundo real” e as implicações que estas tiveram na vida afetiva e sexual dessas mulheres. Dado que esse é um universo que permite sermos quem quisermos e nos “escondermos” atrás da tela de um monitor ou *smartphone*, procuramos, por meio de uma investigação também on-line e quantitativa, traçar um perfil comum das mulheres que recorrem a essa rede social para estabelecer relações e, diante desse perfil apurado, verificar, com algumas de suas respostas, se elas conversam sobre questões de prevenção sexual quando em contato on-line ou físico, se têm conhecimento de métodos preventivos, se após o contato físico efetivamente recorrem a algum método de prevenção e, por fim, se utilizam o próprio universo on-line para terem acesso a essas informações.

Desse modo, o objetivo geral deste estudo é analisar as interações estabelecidas por mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres dentro do universo on-line e as implicações fora dele. A pertinência deste estudo incide justamente em desvelar se as fantasias dessas usuárias se concretizam fisicamente e, sobretudo, se existe preocupação em relação aos cuidados de saúde sexual, visto que muitas relações virtuais estabelecem o sexo virtual como prévia de eventuais e futuros encontros, o que despertou em nós o interesse em averiguar essa questão de forma mais profunda.



## 2. Metodologia

Trata-se de um estudo empírico por meio de questionário on-line, com quarenta questões abertas e fechadas que visam traçar um perfil das usuárias mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres na rede social Facebook, nas comunidades (grupos) Lust for LDRV, LDRV Ocultismo, Poxa Sapatão, Sapatômica, LGBT Brasil e Marcha Nacional das Vadias. Alguns desses grupos são secretos e só participantes podem enviar convites às usuárias. Existe um questionário prévio a ser respondido, justamente para filtrar eventuais usuários/as indesejáveis ou desrespeitosos/as com a diversidade sexual representada pelo grupo. O questionário visa não só traçar um perfil, mas também verificar se entre essas usuárias são conversados temas como prevenção sexual, métodos preventivos e relações sexuais prevenidas entre mulheres. Para a análise dos resultados, utilizamos a estatística descritiva, ou seja, introduzimos técnicas que permitiram organizar, resumir e apresentar esses dados. (BARBETTA, 2006)

Nós, investigadoras participantes, constituímos contatos com esses grupos utilizando nossos próprios perfis nessas redes sociais. Pedimos para que essas mulheres colaborassem conosco nesta investigação sigilosa e que, se pudessem, nos convidassem a fazer parte das comunidades nas quais estavam inseridas.

## 3. Resultados e discussões

Este estudo contou com a adesão de 770 mulheres, número que, a princípio, nos impressionou, porém, em discussão com alguns moderadores e outros estudiosos da temática, verificamos que a investigação, por ser virtual, confidencial e de rápido tempo de resposta, nos proporcionou essa adesão significativa. Afinal, como citado anteriormente na revisão deste estudo, a internet é, hoje, um espaço em que as pessoas podem se manifestar sem sequer ser reconhecidas. Muitos perfis podem ter voz ativa sem que, para isso, tenham de se expor. E essas mulheres que fizeram parte deste questionário deram sua voz para que, esperamos nós, possam ser ouvidas e reconhecidas como existentes em nossa sociedade.

O perfil majoritariamente encontrado nas respostas corresponde a mulheres que se designam homo e bissexuais (84%) assumidas (56%), com idades entre 20 e 25 anos (73%), trabalham e estudam (67%), moram com amigas (38%) ou companheiras (53%), com renda média de dois salários mínimos per capita (34%). No momento das respostas, encontravam-se em um





relacionamento afetivo/sexual (54%), monogâmico (81%), sem filhos (93%), com internet em casa e no *smartphone* (93%), ativas nas redes sociais (96%) e que, devido à distância (68%), à falta de recursos (56%), a não querer ser reconhecida (49%) e à falta de tempo (45%), optaram por estabelecer contato com outras mulheres pela internet. Não foi possível atribuir esse perfil a todas as regiões encontradas, mas a prevalência compreende às regiões Sudeste e Nordeste.

Quando inquiridas se conhecem métodos preventivos, 72% das mulheres dizem que sim; quando perguntadas sobre quais métodos conhecem, 74% referenciam camisinhas masculinas e 52% película plástica; 54% das respostas afirmavam não usarem métodos preventivos em suas relações sexuais; 41% não consideravam importante utilizar métodos preventivos nas relações sexuais; 68% revelaram desconforto ou falta de praticidade nos métodos preventivos adaptados às mulheres que fazem sexo com mulheres; 62% dizem procurar no Google informações sobre prevenção sexual; 52% dizem não conseguir informações com médico ginecologista devido à desinformação e à falta de tato deste; 72% das mulheres dizem que deveriam existir informações vocacionadas às mulheres que fazem sexo com mulheres nos centros de saúde; 48% acreditam que a escola seria um ótimo lugar para essas informações serem explicitadas; durante os contatos virtuais, 84% das mulheres responderam que não conversam sobre prevenção sexual; 74% dessas mulheres trocam *nudes*; 46% praticam sexo virtual; 62% relatam medo de terem suas imagens vazadas na internet; 82% já se encontraram pessoalmente com mulheres que conheceram e conversaram no universo virtual; 42% já tiveram relações afetivo/sexuais com parceiras que conheceram virtualmente; e, por fim, 89% das inquiridas responderam utilizar a internet por ser um espaço seguro, sendo que 93% dessas mulheres temem represálias por sua orientação sexual.

Esse perfil, apurado em nossos inquéritos, denota uma população majoritariamente jovem, em idade acadêmica, trabalhadora, que opta pelo contato virtual como meio mais seguro e facilitador de interações. Um ambiente em que podem fantasiar suas personagens de si mesmas e permitirem conhecer o eu da outra mulher sem estarem demasiado atreladas a um estereótipo ou a determinado padrão/ideal de beleza. Estabelecem, por meio dos diálogos, critérios de aproximação e identificação, como os grupos nos quais foram contatadas pela pesquisa. Não existe uma norma ou regra a ser seguida que não o respeito, criam perfis (avatars) que podem ser verdadeiros ou não e, nas procuras e identificações, reencontram-se no outro. Muitas fetichistas fantasiosas criam nesses diálogos uma relação de proximidade, em que dificilmente conseguem ocultar seu verdadeiro eu em prol do que procuram: uma outra mulher que também queira se relacionar afetiva e sexualmente com ela, mesmo que virtualmente.



O amor romântico de outrora continua a prevalecer no universo virtual. Essas interações proporcionam trocas de mensagens românticas e carinhosas, músicas, impressões, declarações. As dificuldades e distâncias de antes hoje permanecem, porém acabam sendo colmatadas pelos recursos de vídeo-chamadas, imagens, vídeos e mesmo recursos de áudio e telefonemas. A diferenciação de momentos, a nosso ver, passa pela questão temporal, pela velocidade como as interações se estabelecem e se quebram. Os vínculos hoje são, amanhã deixam de ser. A internet se tornou uma espécie de território sem lei, de tribunal que condena e absolve, por maioria, atos dos quais não se verificam fontes nem motivos, não permitem defesa e não possuem conhecimento na integridade, mas as pessoas opinam, julgam e incitam ódio. Polaridades, binarismos, extensões violentas de uma sociedade patriarcal, machista, sexista, misógina, que persegue, que julga e condena tudo o que foge dos padrões de normalidade, moralidade e conduta.

A ignorância e a violência se perpetuam também nas palavras, imagens e falas difundidas no cenário virtual. Por essas razões, com uma pequena amostra (770 respostas de mulheres) dentro de um universo virtual de milhões de perfis, esta pesquisa evidencia que existem grupos minoritários que, mesmo no universo virtual, permanecem invisíveis. Embora o espaço virtual possa parecer seguro – pois garante o anonimato – não é um espaço que está sendo utilizado para difundir questões importantes, pois 78% das mulheres inquiridas não consideram fidedignas ou esclarecedoras as informações relativas às questões de prevenção sexual entre as mulheres difundidas nesse espaço.

Embora o espaço virtual possa proporcionar encontros e identificações, o Estado não é garantidor da saúde pública como um todo, não absorve todas as variáveis da diversidade sexual, permanece invisibilizando a mulher e mantém campanhas higienistas heterossexuais que visam apenas a prevenção da aids, de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e a contracepção. Os profissionais de saúde, por meio dos relatos nas questões abertas, não estão preparados para dar informações sobre saúde sexual de mulheres que fazem sexo com mulheres, muitos – referenciadamente os ginecologistas – não apresentam sequer um diálogo inclusivo, pressupõem uma orientação heterossexual e, quando contrariados, expõem opiniões pessoais, críticas e piadinhas, não esclarecendo as pacientes, mostrando não estarem devidamente informados. Falta a humanização dos serviços prestados, ao menos públicos. Falta maior diálogo com a sociedade, falta nos fazermos valer dessa cultura virtual para expandirmos o maior número de conhecimentos possíveis e fidedignos que possam permear toda a população.



#### 4. Considerações finais

Este estudo vem a reforçar que estar presente virtualmente não é sinônimo de isolamento social, por mais que existam casos de isolamento, o contato humano, proximal, é o que buscam nossas inquiridas. Infelizmente, os recursos informáticos ainda não conseguem substituir o ser humano nas relações afetivo/sexuais – o cheiro, o toque e a presença ainda são necessários, e a internet e as redes sociais apenas servem como um motor de buscas de pessoas, podendo agir como facilitador, mas não substituto. Variáveis como distância, tempo, condições financeiras e liberdade podem ser barreiras transpostas com maior facilidade pelo mundo virtual, porém cedem terreno para a criação de expectativas, sonhos, ilusões da pessoa ideal, do momento do encontro, da situação perfeita, da angústia da espera, do desespero de não conseguir, do medo de perder algo virtual para alguém real, entre outras aflições vivenciadas pelos usuários da internet.

Porém muitos encontros de pessoas com interesses em comum acabam por gerar uma espécie de território cibernético de afinidades, que validam interações, trocas, partilhas e aproximam seus membros. Trata-se de um espaço virtual comum, que existe e que promove uma interação, uma espécie de território. E foi justamente nesses territórios de identificação que deparamos com nossas entrevistadas, no ambiente reconhecidamente seguro, de iguais, onde podem interagir, opinar, participar, inquirir e até mesmo conquistar a finalidade maior, de conhecer pessoas, no caso outras mulheres que se assemelhem a elas.

Na verdade, essas mulheres e demais usuários se valem desses meios para inventar novas formas de obter experiências românticas e colocam em jogo diversas modalidades e perceptivas, desvelam modos de vida, subjetividades e alguns aspectos da vida amorosa contemporânea. Verificamos que, embora sejam mulheres de nível de escolaridade e esclarecimento elevado, não conseguem ter informações e recursos para sua prática sexual.

Acreditamos que, pelo número de respostas que afirmam não ser necessária a proteção sexual entre mulheres, esse grupo se torna potencialmente de risco, agravado pelo alto índice de respostas que apontaram os métodos preventivos como desconfortáveis, adaptados e de difícil acesso. Como já referenciado, o Estado não é garantidor de políticas públicas eficientes de informação, de saúde, de meios e recursos que contemplem toda a diversidade populacional que temos em nosso país.



A invisibilidade feminina se perpetua e, mesmo que nos dias de hoje existam interações virtuais, a expectativa é de que elas sejam reais, as configurações e reconhecimentos são diferenciados, bem como a comunicação e toda a simbologia inerente, porém a máquina não substitui o fator humano e todas essas mulheres buscam visibilidade, respeito, empoderamento e, sobretudo, segurança para que possam ser mulheres e não terem medo de assumir sua orientação sexual, seja ela qual for.

Propomos, em um próximo estudo, uma análise qualitativa que consiga permear o universo dessas mulheres de forma a nos revelar nuances por ora não verificadas, um estudo mais incisivo e categórico não só com relação às mulheres que fazem sexo com mulheres, mas incisivamente nos territórios virtuais em que se encontram e os verdadeiros tipos de relação que estabelecem. Como futuras educadoras sexuais, propomos ainda mais investigações na área de cibercultura e psicanálise, incluindo todas as envolvidas, e um trabalho expansivo para toda a sociedade, clarificando conceitos, desmistificando questões de gênero e passando noções de cidadania e respeito, não só na esfera social, mas também virtual.

---

## Referências

- BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FREUD, S. (1900). *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: a interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 5.
- FREUD, S. (1917). Conferência XXIII (Os caminhos da formação dos sintomas). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16, p. 419-440.
- FREUD, S. (1920). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 18.
- FREUD, S. (1908). Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 9.
- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1.
- ILLOUZ, E. *Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo*. Buenos Aires: Katz Editores, 2007.



- ILLOUZ, E. *El consumo de la utopía romántica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Buenos Aires: Katz Editores, 2009.
- LACAN, J. *O seminário, livro 14: a lógica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.
- LE BRETON, D. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?*8. reimp. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção Trans).
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTUCCELLI, D. *Grammaires de l'individu*. Paris: Gallimard, 2002.
- QUINET, A. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- SAFATLE, V. P. Gênese e estrutura do objeto do fantasma em Jacques Lacan. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 155-170, 2004.
- SAFATLE, V. P. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- TURKLE, S. Fronteiras do real e do virtual. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 11, p. 117-123, 1999.
- WINE, N. *Pulsão e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- ŽIŽEK, S.; DALY, G. *Arriscar o impossível: conversas com Žižek*. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- ŽIŽEK, S.; DALY, G. *Lacrimae rerum: ensayos sobre cine moderno y ciberespacio*. Buenos Aires: Debate, 2006b.

